

Avançando Sempre, uma nova filosofia

Foi-se o tempo em que escola recebia verticalmente e sem reservas as políticas governamentais para simplesmente implementar. Agora, o papel de cada unidade, separadamente, será definitivo. Principalmente no que se refere a redução de taxas de repetência e desvios no fluxo idade/série.

Na essência do *Avançando Sempre*, novo conceito para a área, está o compromisso da escola de diagnosticar, caso a caso, as razões da repetência entre seus alunos. Identificar possíveis limitações cognitivas, psicológicas e os casos em que a criança e o adolescente estão atrasados nos estudos simplesmente por terem iniciado mais tarde.

Desde o início do ano, uma experiência piloto vem sendo realizada nesses moldes no Guará. Os resultados animam a coordenadora do Núcleo de Coordenação Pedagógica da Diretoria Regional de Ensino do Guará, Surama Régia Martins de Sousa, de 36 anos. "Antes, a tendência era colocar os alunos defasados em turma única e trabalhar a aceleração. Mas nem sempre era eficaz. Houve casos de alunos promovidos duas séries que depois voltaram a repetir", recorda.

Cientes da questão, as escolas do Guará fizeram um levantamento. Descobriram que 1,8 mil dos 19 mil alunos da regional tinham algum problema de defasagem. E, a partir desse dado, foram minuciosos. Quiseram saber em qual série. Por que motivo. Em que disciplinas e se fizeram ou não parte de programas de aceleração ou ciclos. Com o diagnóstico, cada caso foi tratado "com lupa". E os colégios criaram seus projetos de recuperação.

"Agora, podemos dizer que a maioria está caminhando para a aprovação. E as escolas estão pensando suas estratégias, com muito mais responsabilidade", conta Surama, há 15 anos nos quadros da Secretaria.

INTEGRAÇÃO - Parceiras nesse processo são as equipes do Serviço de Apoio à Aprendizagem, compostas por psicólogos, pedagogos e orientadores educacionais. Embora já existissem antes, trabalhavam paralelamente. O aluno saía da escola, ia lá, fazia o teste. Agora a equipe atua na sala de aula, com o professor. Só retiram o aluno para um centro de ensino especial ou sala inclusiva se necessário, após esgotados todos os recursos. O diagnóstico de déficits cognitivos e emocionais fica bem mais preciso.

Da teoria para a prática, quem lucra com a opção são alunos como Luzângela Rodigheri Miranda. Aos 11 anos, entrou apenas agora na escola. Estuda no Centro de Ensino Fundamental 5 do Guará. "Pela defasagem idade/série, ela estava em turmas de aceleração, junto com alunos que tinham histórico de repetência. Só que ela não tem qualquer dificuldade em aprender. Só entrou na escola mais tarde do que devia. Agora revertemos o quadro. Ela vai ser aprovada e, ano que vem, se tiver condições de avançar um ou dois anos, porque a legislação assim permite, fará", conta Surama.